



Com IA, o desenvolvimento de software se tornou mais ágil e eficiente

Fabio Seixas (*)

Durante décadas, a decisão entre construir um software do zero ou adquirir uma solução pronta guiou estratégias de tecnologia em empresas dos mais diversos setores. A equação parecia simples, comprar acelerava a adoção e reduzia custos, construir oferecia personalização e controle. Mas a chegada da inteligência artificial generativa, e, em especial, do desenvolvimento assistido por IA (AIAD), modificou todas as variáveis dessa conta. Não se trata mais de decidir entre duas abordagens clássicas, e talvez o dilema tradicional já nem exista mais.

Com a IA generativa otimizando etapas cruciais do ciclo de desenvolvimento, como a escrita de código, os testes automatizados, a detecção de bugs e até sugestões de arquitetura, construir software sob medida deixou de ser um esforço exclusivo de grandes corporações com orçamentos robustos. Modelos pré-treinados, bibliotecas especializadas e plataformas low-code ou no-code potencializadas por IA reduziram drasticamente os custos e o tempo de desenvolvimento.

Em vez de meses, muitas soluções hoje são entregues em semanas, e em vez de equipes internas numerosas, times enxutos e altamente especializados conseguem entregar aplicações personalizadas e escaláveis com eficiência impressionante. O GitHub Copilot, lançado em 2021, é um exemplo prático de IA generativa que auxilia desenvolvedores, sugerindo códigos e completando trechos automaticamente. Um estudo da GitHub indicou que desenvolvedores usando o Copilot completaram tarefas 55% mais rápido em média, enquanto que os que usaram levaram em média 1 hora e 11 minutos para concluir a tarefa, os que não usaram o GitHub Copilot levaram em média 2 horas e 41 minutos.

Diante dessa realidade, o antigo argumento de que comprar software pronto era sinônimo de economia perde força. As soluções genéricas, embora tentadoras, frequentemente não se moldam às particularidades de processos internos, não escalam com a mesma agilidade e criam uma dependência limitadora. No curto prazo, podem parecer suficientes, mas no médio e longo prazo, se tornam entraves à inovação.

Mais do que isso, a própria noção de que a vantagem competitiva reside no código em si começa a ruir. Em um cenário em que reescrever uma aplicação inteira se tornou barato e viável, a ideia de “proteger o código” como ativo estratégico faz cada vez menos sentido. O valor real está na arquitetura da solução, na fluidez da integração com os sistemas do negócio, na governança

dos dados e, principalmente, na capacidade de adaptar rapidamente o software à medida que o mercado, ou a empresa, muda.

O uso de inteligência artificial (IA) e automação reduzem até 50% no tempo de desenvolvimento, conforme apontado por 75% dos executivos entrevistados em relatório conduzido pela OutSystems e KPMG. Mas se o “build” é o novo normal, surge um segundo dilema: construir internamente ou com parceiros externos especializados? Aqui, o pragmatismo fala mais alto. Criar uma equipe própria de tecnologia exige investimento contínuo, gestão de talentos, infraestrutura e, sobretudo, tempo, o ativo mais escasso na corrida pela inovação. Para empresas cujo core business não é software, essa escolha pode ser contraproducente.

Por outro lado, parcerias estratégicas com empresas de desenvolvimento trazem vantagens, como acesso imediato a know-how técnico avançado, entrega acelerada, flexibilidade de contratação e redução de overhead operacional. Equipes terceirizadas experientes atuam como extensão da empresa, com foco em resultado, e muitas vezes já vêm com modelos prontos de arquitetura escalável, pipelines de CI/CD integrados e frameworks testados, tudo que seria custoso e demorado construir do zero. Vale ainda mencionar um terceiro elemento nessa equação: o efeito rede da expertise acumulada.

Enquanto times internos enfrentam uma curva de aprendizado contínua, especialistas externos que atuam em múltiplos projetos acumulam repertório técnico e de negócios em ritmo muito mais acelerado. Essa inteligência coletiva, aplicada de forma direcionada, muitas vezes gera soluções mais eficazes e inovadoras. A decisão, portanto, já não é entre comprar ou construir, mas entre se prender a soluções engessadas ou construir algo que realmente atenda ao que o negócio precisa. A personalização, antes um luxo, tornou-se uma expectativa, a escalabilidade, uma exigência, e a IA, um divisor de águas.

No fim, o verdadeiro diferencial competitivo não está no software pronto, nem nas linhas de código escritas sob medida, mas na agilidade estratégica com que as empresas integram soluções tecnológicas ao seu crescimento. A era do AIAD nos convida a abandonar dilemas binários e pensar em software como um processo contínuo, vivo e estratégico. E, para isso, não basta construir, é preciso construir com inteligência, parceiros certos e visão de futuro.

(*) CEO da Softo.

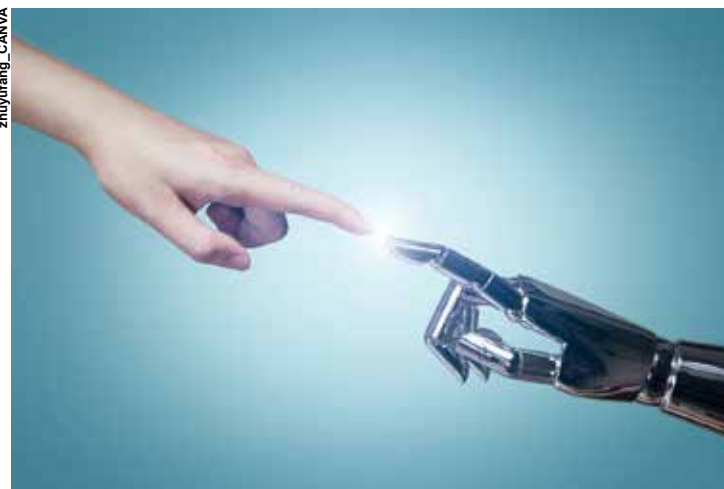
Geração Z sabe onde usar IA generativa, mas tem dificuldades de tirar o melhor dela

Estudo da EY revela que, embora esses jovens compreendam as tarefas em que a inteligência artificial pode ser aplicada, eles ainda têm dificuldades de criar o prompt correto ou mais adequado para atender às suas necessidades

A Geração Z tem um bom entendimento sobre a aplicação da inteligência artificial, de acordo com o estudo “How can we upskill Gen Z as fast as we train AI?”, elaborado pela EY em parceria com a Microsoft. Os entrevistados foram apresentados a uma lista de possíveis aplicações dessa tecnologia, cujas respostas foram depois analisadas por um painel de especialistas em IA. A constatação da pesquisa é que essas respostas estão muito alinhadas com a opinião desses especialistas, com a identificação correta das tarefas muito beneficiadas por essa tecnologia.

As quatro tarefas nas quais a IA pode ser “muito útil” foram as seguintes: tradução de idiomas em tempo real, com 71%; identificação de padrões em volumes expressivos de dados, com 60%; edição de fotos para ter um determinado estilo, com 49%; e fazer um resumo do trabalho de um pensador ou de uma organização em específico, também com 49%. Esse resultado, na avaliação do estudo, sugere que os educadores e as empresas estão fazendo um trabalho razoável em demonstrar as aplicações mais comuns de IA aos estudantes e consumidores. No entanto, esse é um trabalho contínuo, já que precisa ser revisitado à medida que a IA apresenta avanços em outras atividades. O fornecimento de orientação legal ou jurídica, por exemplo, obteve a menor porcentagem de “muito útil”, com apenas 26% por parte dos respondentes – em linha com a avaliação dos especialistas.

Embora exista o entendimento de quais tarefas



aplicar a IA, há dificuldade de criar o prompt correto ou mais adequado para atender às suas necessidades, o que permitiria obter as melhores respostas para as perguntas realizadas. A habilidade de fornecer os comandos precisos é crucial para o sucesso da IA generativa. Faz parte desse processo saber fazer perguntas, e essa, na visão da pesquisa, pode ser, na realidade, a dificuldade por trás dessa questão de elaborar prompts melhores.

Nesse aspecto, as escolas precisam preparar os estudantes para fazer boas perguntas, estimulando nesse processo a curiosidade e o pensamento crítico. Como habilidades mais importantes para utilizar a IA da melhor forma, os entrevistados apontaram criatividade e curiosidade; pensamento crítico; programação; e escrita/redação.

A amostra global do estudo é formada por 5.218 entrevistados – 10% deles provenientes do Brasil. Sobre a situação econômica, 59% disseram que têm a mesma de outras pessoas de sua idade residentes no país. Em relação à idade, a amostra vai dos 17 aos 27 anos. A Geração Z – nascida entre

1997 e 2007 – está agora em grande número entrando na universidade e na força de trabalho. A projeção é que, até 2030, chegue a 30% da força de trabalho, trazendo transformações na dinâmica corporativa.

Identificação dos riscos da IA

Os respondentes não se saíram bem na avaliação das ferramentas de inteligência artificial, principalmente em relação a como são construídas e às regras a que estão submetidas ou deveriam estar em questões como acesso aos dados de pessoas e organizações. Quando perguntados, podendo responder “verdadeiro” ou “falso”, sobre se os sistemas de IA generativa treinados em dados em tempo real podem inventar fatos às vezes, apenas 36% indicaram verdadeiro – resposta essa tida como correta. Para a pergunta sobre se os desenvolvedores de IA precisam de permissão explícita para usar os dados de pessoas e organizações para treinar um sistema de IA, 53% escolheram falso, que corresponde à resposta incorreta.

Na avaliação do estudo, o otimismo da Geração Z em

relação ao uso da IA pode estar prejudicando sua visão crítica sobre essa tecnologia. Outra possibilidade é que haja uma falta de compreensão sobre os limites que precisam ser impostos a essa tecnologia por meio de uma governança ancorada nas melhores práticas de adoção da IA.

Essa visão crítica sobre a IA foi também mensurada por meio de perguntas sobre o grau de confiança da Geração Z em algumas aplicações de inteligência artificial. Para o uso de chatbots para dar suporte e responder às demandas dos consumidores, 47% disseram ser confiáveis. Para encontrar uma citação específica dada por um líder político em um discurso, 40% tiveram a mesma percepção.

Em relação ao uso de monitoramento de vídeo para identificar comportamento criminoso em espaços públicos, 34% avaliaram como confiável, índice considerado alto. No entanto, diferentemente das duas anteriores, prevaleceu a opção “proceder com cautela”, com 43% das respostas.

A inteligência artificial tem sido cada vez mais utilizada pelas empresas para inovar e tornar mais produtivo o dia a dia dos seus negócios. Há, no entanto, diversas dúvidas sobre como desenvolver e operacionalizar esses sistemas evitando os riscos que podem comprometer os resultados financeiros e a reputação das organizações. Nesse contexto, a EY lançou a série “IA aplicada aos negócios: Como utilizar essa tecnologia com segurança e governança para gerar inovação”. (Fonte: Agência EY).

O novo valor do trabalho na era da inteligência artificial

À frente de uma holding com mais de 10 empresas, Reginaldo Boeira fala sobre o impacto da IA e a importância do fator humano. A inteligência artificial (IA) deixou de ser uma ideia futura e passou a integrar a rotina das empresas brasileiras, transformando funções, processos e o perfil dos profissionais. Seja na automação de tarefas repetitivas, no atendimento ao cliente ou na análise de dados, a tecnologia está remodelando o mercado de trabalho em ritmo acelerado.

De acordo com um estudo recente do Boston Consulting Group, profissionais com menos experiência conseguem executar suas tarefas até 35% mais rapidamente ao utilizarem ferramentas baseadas em IA. A produtividade geral pode crescer até 14%, conforme o levantamento. A Microsoft, por sua vez, estima que a IA poderá gerar até 26 milhões de novos empregos no Brasil até 2030, especialmente em setores como serviços, saúde e tecnologia, desde que haja investimento em qualificação.

Essa transformação, no entanto, exige mais do que a simples adoção

de ferramentas. Para especialistas, é necessário um novo modelo de gestão que concilie tecnologia e humanização. Reginaldo Boeira, empresário à frente de uma holding com 12 empresas em setores variados, destaca que “a inteligência artificial não veio para substituir o ser humano, mas para ampliar o que ele tem de melhor: pensamento crítico, criatividade e tomada de decisão”.

Segundo Boeira, o diferencial das empresas que melhor se adaptam à IA está na forma como integram seus colaboradores ao processo. “A automatização precisa liberar as pessoas para atuarem com mais significado. Mas isso só acontece com uma liderança próxima, que escuta e promove um ambiente de aprendizagem contínua”.

Nos negócios liderados por Reginaldo, a implementação da IA acontece por meio de diálogo constante entre gestores e equipes. A estratégia foca na qualificação dos profissionais e no desenvolvimento de habilidades socioemocionais, consideradas cada vez

mais valiosas em um mercado orientado por dados, mas ainda dependente de relações humanas sólidas.

“Dentro das habilidades esperadas pelos profissionais do futuro, o domínio de ferramentas de inteligência artificial é um enorme diferencial – ou até uma prerrogativa determinante para a contratação. E já vemos este movimento hoje, com uma expectativa de crescimento exponencial ao longo dos próximos anos”, completa o empresário.

Estudos recentes reforçam essa visão. Ambientes de trabalho que utilizam IA de forma personalizada podem elevar a produtividade em até 30% e melhorar significativamente o clima organizacional, conforme mostram análises do MIT Sloan Management Review.

Se antes a IA era vista como ameaça, hoje é cada vez mais percebida como aliada, desde que seu uso seja guiado por responsabilidade, empatia e visão estratégica. No centro dessa equação permanece o ser humano.